

João de Azevedo e Dias Duarte

**A estética da ordem
Harmonia e imperfeição na obra filosófica de
Adam Smith**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Marcelo Gantus Jasmin

Rio de Janeiro
Junho de 2008

João de Azevedo e Dias Duarte

**A estética da ordem
Harmonia e imperfeição na obra filosófica de
Adam Smith**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profº Marcelo Gantus Jasmin

Orientador
Departamento de História
PUC-Rio

Profª Berenice de Oliveira Cavalcante

Departamento de História
PUC-Rio

Profº Cesar Augusto Coelho Guimarães

Ciência Política-IUPERJ

Profº Nizar Messari

Vice-Decano de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 27 de junho de 2008

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

João de Azevedo e Dias Duarte

Graduou-se em Economia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2004.

Ficha Catalográfica

Duarte, João de Azevedo e Dias

A estética da ordem: harmonia e imperfeição na obra filosófica de Adam Smith / João de Azevedo e Dias Duarte ; orientador: Marcelo Gantus Jasmin. – 2008.

138 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em História)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História social da cultura. 3. Século XVIII. 4. Iluminismo. 5. Filosofia. 6. Smith, Adam, 1723-1790. 7. Hume, David, 1711-1776. 8. Imaginação. 9. Simpatia I. Jasmin, Marcelo Gantus. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Agradecimentos

Muitas pessoas participaram deste trabalho como espectadores parciais e imparciais. Devo agradecer inicialmente ao meu orientador, Marcelo Jasmin, pela confiança, interesse, incentivo e apoio. Sou também grato à Faperj, instituição que financiou esta pesquisa, e ao Departamento de História da PUC-Rio, corpo docente e secretariado. Agradeço especialmente a Edna Timbó e aos professores: Ricardo Benzaquen de Araújo, pela acolhida, e pelas conversas e aulas, que me transmitiram o prazer da imaginação teórica; Luiz Costa Lima, pelas aulas instigantes e comentários na ocasião da defesa de qualificação; Flávia Eyler, por ter me introduzido a Aristóteles e pelo incentivo constante. A Maria Gabriela Carvalho, com quem compartilho o interesse por Adam Smith, devo agradecer os livros emprestados, as conversas e a participação atenciosa na banca de qualificação; pelo mesmo motivo, agradeço a Berenice Cavalcante.

Agradeço à família e aos amigos, cujas presenças foram importantes em minha formação e em diversos momentos desta etapa: à minha mãe, Claudia Duarte, que acompanha apreensiva meus passos na vida intelectual; à minha avó materna, Maria Lúcia Braga de Azevedo; a André Gerber e à minha família francesa; e ao restante de minha família brasileira, meus queridos tios e primos. Agradeço a Suiá, o carinho, a amizade e tudo mais; e a Leonardo Mello, a amizade antiga sempre renovada. A Benedita-Basanti, agradeço pela yoga que manteve a harmonia e coerência de meu corpo durante esta empreitada intelectual. Devo agradecer também aos amigos da PUC: Gustavo Naves; Daniel Ferreira; Bernardo Buarque; Francisco G. de Sousa (amigo de longa data); a Karina Vasquez e a Luiza Larangeira. Luiza leu este trabalho durante a sua execução; suas críticas e sugestões foram decisivas na sua realização. Sou-lhe imensamente grato, não apenas pela atenção dispensada neste momento, mas sobretudo pela sincera amizade com que me distingue. Sem sua presença, minha passagem pela PUC seria muito menos feliz.

Agradeço finalmente àquele cujo discreto exemplo sobrepujou os prudentes conselhos, meu pai – a ele dedico esta dissertação.

Resumo

Duarte, João de Azevedo e Dias; Jasmin, Marcelo Gantus. **A estética da ordem: harmonia e imperfeição na obra filosófica de Adam Smith**. Rio de Janeiro, 2008. 138 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação discute, a partir de uma leitura dos trabalhos de Adam Smith em história intelectual e ética, a visão deste filósofo escocês do século XVIII sobre a natureza da atividade humana. Sugere-se que esta filosofia seja profundamente marcada por uma consciência aguda da imperfeição e finitude humanas. Intenta-se, porém, mostrar que o pensamento de Smith é também um esforço de “reconciliação” com esta imperfeição essencial. Toda a reflexão smithiana está voltada para a tarefa de demonstrar de que maneira é possível ao homem, a despeito de suas limitações, manter uma existência regular e harmoniosa e avançar do ponto de vista cognitivo, moral e material. De acordo com a visão de Smith, o espírito humano é mobilizado por um impulso espontâneo e desinteressado para a realização de ordem, harmonia e beleza nas diferentes esferas de sua atividade. No entanto, embora o espírito tenda naturalmente à regularidade, uma situação absolutamente simétrica nunca se realiza, em função da própria imperfeição do Homem. E é certo que assim seja, pois uma tal situação não seria nem mesmo suportável por criaturas humanas. O primeiro capítulo tem seu foco analítico em um texto de juventude de Smith, *The History of Astronomy*, pondo-o em diálogo com o pensamento de David Hume. Discute-se de que maneira Smith, assumindo a teoria da imaginação de Hume, se insere também no projeto humeano de uma “ciência da natureza humana”. O segundo capítulo envolve uma discussão da obra de Smith em ética, *The Theory of Moral Sentiments*, e de seu conceito central, a “simpatia”.

Palavras-chave

Século XVIII; Iluminismo, Filosofia, Adam Smith, David Hume, Imaginação, Simpatia.

Abstract

Duarte, João de Azevedo e Dias; Jasmin, Marcelo Gantus. **The Aesthetics of order: harmony and imperfection on the philosophical work of Adam Smith.** Rio de Janeiro, 2008. 138 p. MSc Dissertation - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation deals with Adam Smith's view on the nature of human activity, proposing an interpretation of this eighteenth century Scottish philosopher's works on intellectual history and ethics. It is suggested that his philosophy is marked by a keen awareness of human imperfection and finitude. It demonstrates that Adam Smith's thought is also, however, an effort of "reconciliation" with this essential imperfection. Smith's reflection is directed to the task of showing how it would be possible for mankind, notwithstanding its limitations, to maintain a regular and harmonious existence and to advance from a cognitive, moral and material point of view. According to Adam Smith's view, the human spirit is moved by a spontaneous and disinterested impulse to the realization of order, harmony and beauty in the different spheres of its activity. Nonetheless, although the spirit is naturally order-seeking, an absolutely symmetrical situation is never actualized because of the very imperfection of mankind. Such a situation wouldn't even be bearable to human creatures. The first chapter has its analytical focus on an early text from Adam Smith's called *The History of Astronomy*, and puts it into dialogue with the thought of David Hume. The subject here is how Smith, adopting Hume's theory of imagination, partakes in the Humean project of a "science of human nature". The second chapter discusses Adam Smith's work on ethics, *The Theory of the Moral Sentiments*, and its central concept, "sympathy".

Keywords

Eighteenth century, Enlightenment, philosophy, Adam Smith, David Hume, imagination, sympathy.

Sumário

1. Introdução	10
2. Os sentimentos intelectuais e a imaginação teórica	17
2.1. A História da Astronomia	18
2.2. David Hume e o projeto da ciência do Homem	26
2.3. Como se constrói um mundo	39
2.4. Ceticismo, imaginação e a beleza da ordem	57
2.5. Epílogo: razão e prática	65
3. Os sentimentos morais e a imaginação simpática	70
3.1. O que é/deve ser uma teoria dos sentimentos morais	72
3.2. A simpatia	82
3.3. O ponto de vista moral	93
3.4. Imparcialidade e virtude	105
3.5. A verdadeira felicidade e a vida dos imperfeitamente virtuosos	114
4. Conclusão	124
5. Bibliografia	134

Lista de abreviações:

David Hume:

EHU	<i>An Enquiry concerning Human understanding</i>
T	<i>Treatise of Human Nature</i>
E	<i>Essays Moral, Political, and Literary</i> , incluindo:
E-sc	“The Sceptic”

Adam Smith:

Corr.	<i>Correspondence</i>
EPS	<i>Essays on Philosophical Subjects</i> , incluindo:
Astronomy	“The History of Astronomy”
Imitative Arts	“Of the Nature of that Imitation which takes place in what are called the Imitative Arts”
Edinburgh Review	“Letter to the Edinburgh Review”
LJ (B)	<i>Lectures on Jurisprudence: report dated 1766</i>
LRBL	<i>Lectures on Rhetoric and Belles Lettres</i>
TMS	<i>The Theory of Moral Sentiments</i>
WN	<i>An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations</i>

Para detalhes das edições, ver a bibliografia no fim do texto. As citações de Adam Smith seguem o sistema de referência por parágrafo estabelecido na *Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith*. Assim: TMS I.i.5.5 = *The Theory of Moral Sentiments*, parte I, seção i, capítulo 5, parágrafo 5. As citações de Hume incorporam, além da página, outras referências, de modo que o leitor possa utilizar quaisquer edições. Assim: T 1.3.2, p. 75 = *A Treatise of Human Nature*, livro 1, parte 3, seção 2, página 75.

*“I can’t imagine anything / that I would less like to be
/ than a disincarnate Spirit, / unable to chew or sip / or
make contact with surfaces / or breath the scents of summer
/ or comprehend speech and music / or gaze at what lies
beyond. / No, God has placed me exactly / where I’d have
chosen to be: / the sub-lunar world is such fun, / where Man
is male or female / and give Proper Names to all things...”*

W. H. Auden, No, Plato, no.

*“... and Cicero tells us, that Aristoxenus, the
musician, found the nature of the soul to consist in
harmony”.*

Adam Smith, The History of Astronomy.